

“Cuidado! Seu príncipe pode ser uma Cinderela”: quando o estereótipo atua como dispositivo para a invenção das sexualidades em livros de auto-ajuda

**Mário Martins NEVES JÚNIOR (PG/Letras-Linguística)
Joana Plaza PINTO (Letras-Linguística)**

mariojr912000@yahoo.com.br
joplazapinto@gmail.com

Palavras-chave: auto-ajuda; armário; estereótipo; sexualidade.

Introdução

As atuais categorias organizadas da sexualidade nos foram trazidas pela Europa durante a Era Vitoriana, que durou entre 1837 até 1901. Durante a Modernidade, segundo Foucault (2007), a sexualidade passou a ser um objeto científico da medicina, a qual separava a sexualidade *normal* e *natural* daquelas que seriam tomadas como “anormal” e “anti-natural”. Foucault (2007, p. 50-51) nos diz que foi exatamente neste período que a homossexualidade foi criada como uma patologia da psiquiatria:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como um certa qualidade de sensibilidade sexual, uma certa maneira de entrevir, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 2006, p. 50-51)

Com isso, já temos mais de um século de invenção das sexualidades ou da homossexualidade especificamente. Isso ora nos traz continuidades conceituais ou rupturas metodológicas ao tratamento do termo. Uma ruptura metodológica implica no tratamento do termo não somente na instância da medicina, mas o conceito passa a ambientar-se em outras áreas do conhecimento como a psicologia, a sociologia, a antropologia etc. Neste sentido, novas interpretações vão surgindo e novos valores vão sendo integrados com o tempo.

É importante notarmos que a invenção da homossexualidade, e das outras sexualidades dissidentes, foi eficazmente construída. Uma vez inventada e reiterada por mecanismos lingüísticos que garantem a sua existência, a homossexualidade

deixou de pertencer exclusivamente aos vocabulários da medicina, da psicologia, da sociologia e da antropologia e chegou aos livros de auto-ajuda. São vários os títulos em língua portuguesa que temos sobre o tratamento da questão da homossexualidade. Podemos citar alguns dessa literatura: *“Vidas em arco-íris. Depoimentos sobre a homossexualidade”* e *“Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre os pais de homossexuais”* ambos de Edith Modesto; *“Por que toda mulher precisa de um gay em sua vida”* de Andréa Franco; *“Papai, mamãe, sou gay! Um guia para entender a orientação sexual dos filhos”* de Rinna Riesenfeld; e *“Cuidado! Seu príncipe pode ser uma Cinderela. Guia prático para identificar um gay no armário”* de Ticiane Azevedo e Consuelo Dieguez.

Esta apresentação utilizará os argumentos deste último livro de auto-ajuda sobre a identificação do homossexual masculino. Segundo essas autoras, existem dez características-base e específicas para desvelar um gay no armário. Este livro tem como objetivo acusar os *gays enrustidos* para que moçoilas não caiam em encantamento por alguém que gosta da mesma fruta que elas (AZEVEDO & DIEGUEZ, 2010) ou funciona como “um guia para ajudar mulheres inteligentes a identificar sinais sutis, e às vezes não tão sutis, de que aquele gato maravilhoso que ela conheceu na academia, na casa de um amigo, no café, no avião, no escritório, seja lá onde for, pode ser gay” (AZEVEDO & DIEGUEZ, 2010, p. 21).

Neste sentido, este livro é tomado como um dos diversos desdobramentos ou efeitos da invenção das sexualidades pela psiquiatria do século XIX. Atua como uma continuidade discursiva que reitera, reafirma e garante a existência de homossexuais na sociedade. Em outras palavras, a homossexualidade é performativizada, pois é construída através de atos de fala, dentre os quais este livro é apenas um deles, que produzem efeitos reais diversos.

Material e Métodos

Esta apresentação é fruto de um estudo de metodologia bibliográfica embasada nos pressupostos do método qualitativo de pesquisa, uma vez que trabalha com interpretação e descrição de fenômenos da realidade. O método qualitativo envolve o estudo do uso e a coleta de vários materiais empíricos, tais como o estudo de caso, a introspecção, a experiência pessoal, história de vida, artefatos, textos e produções culturais, textos históricos, interativos e visuais que possibilitam os/as pesquisadores/as utilizarem “uma ampla variedade de práticas

interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 17). Não obstante, através dos capítulos do livro em análise, foram selecionados trechos que expressem atos lingüísticos performativos como o *outing*, o qual será explicado logo em seguida. É uma pesquisa lingüística interdisciplinar tal como o método permite.

Resultados e Discussões

O livro “*Cuidado! Seu príncipe pode ser uma Cinderela*” já traz uma capa sugestiva sobre o assunto a abordar: o gay no armário. O armário é o lugar reservado às pessoas que por diversos motivos não expressam ou evitam dialogar sobre sua sexualidade não-heterossexual, ou sua sexualidade dissidente. Sedgwick (2007), em seu trabalho *A epistemologia do armário*, nos convida a pensar que a formação do *armário* é dada pela opressão social às sexualidades dissidentes: “o *armário* é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p. 26) e sua imagem é “indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões” (SEDGWICK, 2007, p. 32).



Figura 1.0

Com isso, a figura acima nos mostra um homem mal barbeado no rosto ou da cintura para cima, num encontro com uma mulher, mas que “por baixo do panos” calça salto-alto, em palavras “ele não se passa de um gay no armário”. Os capítulos vão então desvendar ou desconstruir o homem que imaginamos ser heterossexual. Segundo as autoras, as “moçoilas” devem ficar bastante atentas se o seu pretendente possui grande estilo e gosto por roupas de grife, por exemplo:

Começaremos pelo óbvio: o armário do suspeito. Você não imagina o quanto esse móvel trivial pode ser revelador da personalidade de seu dono. Roupas separadinhas por cores e tecidos? Modelitos primavera, verão, outono, inverno? Trajes para manhã, tarde e noite? Para uma saída com os amigos, para uma ida ao supermercado, para um fim de semana na praia, para um almoço na fazenda da tia? Ui, que bom gosto ele tem! Quanto capricho! Parece até mulher de tão vaidoso, não é? Mas preste muita

atenção ao que você verá no armário dele. Seu querido pode emperrar na primeira peneirada: roupas e acessórios (AZEVEDO & DIEGUEZ, 2010, p.29).

De fato, ao pressupor armários para certas pessoas, o livro ou qualquer outra pessoa também trabalha com dois outros elementos: o *outing* e o *gaydar*¹. Em geral, tanto um quanto o outro é baseado nos estereótipos que temos sobre o que é ser homem e mulher heterossexual e homem e mulher homossexual. O livro, como o próprio título diz, não faz referência às mulheres homossexuais. Nesta passagem do livro supracitada, percebemos que as autoras ensinam mulheres a fazerem o *outing* dos parceiros caso eles venham a manifestar bom gosto por roupas de grifes. É inegável o elemento elitista e machista que fazem uso para definir a sexualidade das pessoas. Isso porque, neste caso, elas não dão abertura aos possíveis homens que estão no armário, não são efeminados, mas não têm gosto por, ou não podem comprar roupas de marca diante do status social que ocupam. É sexista, pois há claramente uma separação de maneira estanque e binária entre aquilo que deve ser respectivamente do homem (heterossexual) daquilo que se endereça à mulher.

Conclusões

. As estratégias de definição da homossexualidade recôndita do outro, propostas no livro, estão diretamente interligadas à classe e às relações de gênero ocupadas e definidas na sociedade. De certa maneira, o descobrimento da homossexualidade alheia, nesta análise, se dá à luz de silogismos e binarismos, que separam e incluem os sujeitos nessa categoria violentamente sem se encarar as sexualidades como fluídas e contínuas, nem se pensar que as relações de gênero nem sempre se sobrepõem à sexualidade. Ainda, tal como a psiquiatria, este livro ajuda a inventar uma homossexualidade dentro de uma ótica homofóbica ao tomar como reais e gerais estereótipos gays a serem encontrados nos homens supostamente heterossexuais.

¹ Coloquialmente *outing* pode ser traduzido como “puxar do *armário*”. Isso implica em afirmar que no momento que alguém “faz o *outing*” de algum sujeito ele passa a encará-lo, *ipso facto*, como detentor da identidade *queer*, e, logo, fora do *armário*, ou seja, o armário deixa de existir para o sujeito que sofre o *outing* já naquele momento. Já o *gaydar* é conhecido usualmente como um radar gay, que consegue visualizar a identidade sexual alheia. É comum nos depararmos com pessoas que afirmam possuí-lo. Este radar tem como principal função acusar os diversos gays, lésbicas, etc. camuflados, ou dentro do *armário*, espalhados por toda sociedade. Trata-se de uma espécie de um “sexto sentido” de uma intuição que aponta ao indivíduo detentor a identidade sexual do outro, em geral, vista como dissidente

Referências

AZEVEDO, TICIANA; DIEGUEZ, CONSUELO. *Cuidado! seu príncipe pode ser uma Cinderela: guia prático para identificar um gay no armário*. Rio de Janeiro: BestSeller. 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-41.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, 2007, p. 19-54.